

*Manoel Gomes Brito*

P.<sup>o</sup> GUILHERME BARBOSA (P. S. S.)

# A VIDA E SUA ORIGEM

These livre para o concurso á cadeira de Philosophia

DO

GYMNASIO AMAZONENSE PEDRO II

(Com aprovação da auctoridade Ecclesiastica)



1926

Aug. Reis

IMPRESSOR

Papelaria, Typographia, Pautação,  
Encadernação e Carimbos

RUA HENRIQUE MARTINS, 23 - MANAÓS







P.<sup>e</sup> GUILHERME BARBOSA (P. S. S.)

---

# A VIDA E SUA ORIGEM

---

These livre para o concurso á cadeira de Philosophia  
DO  
GYMNASIO AMAZONENSE PEDRO II

---

(Com aprovação da auctoridade Ecclesiastica)



**Aug. Reis**

IMPRESSOR

Papelaria, Typographia, Pautação,  
Encadernação e Carimbos

RUA HENRIQUE MARTINS, 23 - MANAÓS

*Aug. Reis*  
*2457*









## INTRODUÇÃO

O homem é por natureza philosopho. Devora-o a sêde de saber. Desde o primeiro sorrir do berço até a última lagrima do tumulto é uma interrogação constante. E esta ancia de saber, que o atormenta, não busca só o particular, quer também o geral, e, por isso, da singularidade das cousas remonta, em synthese expontanea e grandiosa a dois conceitos universaes: — o EU e o NÃO EU, resumo de toda a sciencia.

O EU é o homem — pequeno cosmos — o NÃO EU é tudo quanto está fóra do homem — o grande cosmos. — Ao redor destes dois mundos, giram todas as perguntas, que nos perseguem: — donde vim, que sou, de que modo sou, para onde vou? Donde surgiu este universo que me cerca, que é elle, de que modo está formado, para que existe, até quando existirá?

Mas nesta sêde crescente de saber, quer dentro de si,



como fóra, o homem vê um espectáculo singular — de um lado contempla a immobildade; do outro a actividade múltipla e característica. E' a planície immensa, parada, por onde vâa a locomotiva em vertiginosa carreira. Aqui é a fixidez, a inercia: alli a agitação, o que apparece, passa e some-se no horizonte.

Porque este contraste? Porque o vil musgo ao lado da mole colossal de granito apresenta uma differença tão profunda, que lhe dá superioridade indiscutivel? Porque em toda a natureza observamos dois campos diametralmente oppostos, um de agitação, outro de calma? Porque revela o microscopio numa gotta dagua um fervilhar tumultuante e uma paralyisia esmagadora?

Todas essas perguntas constituem para o homem philosopho um problema mysterioso, a cuja incognita chamamos vida.

\* \* \*

Ha portanto, na infinita escala dos seres, uns activos outros inertes. Ha seres que se nutrem, que se reproduzem e *evoluem*, e outros, que não apresentam estas notas: os primeiros são vivos, os segundos não.

Dos quatro caracteres, que, segundo Claudio Bernard, especificam os seres vivos, organisação, nutrição, geração e evolução, ha um porém dominante, mais exclusivo: todo ser vivo provém de outro ser vivo; ou melhor, toda vida vem da vida, o vegetal do vegetal, o irracional do irracional, o homem do homem.

Debaixo da impressão deste phenomeno, nova pergunta salteia-nos o espirito; se todo o ser vivo vem de outro ser vivo, o primeiro dos dois como adquiriu a vida? Donde recebeu a vida que communicou?



Levanta-se para o philosopho uma questão muito seria; trata-se de saber qual o inicio da vida. Por *fas* ou por *nefas* um começo se impõe. Explicar a corrente vital por uma successão interminavel de élos, é para o espirito uma acabrunhadora perplexidade, uma interrogação eterna e tão terrivel que basta para abalar os mais solidos edifficios philosophicos. Um começo de vida, pois, é necessario.

Mas, nestas alturas, ainda uma pergunta vem torturar-nos a mente. Se a vida teve inicio qual foi elle? Na resposta, dois partidos disputam a palma da victoria.

Para um a aurora da vida nada mais é do que o desenvolver-se, o evoluir expontaneo da *não vida*, da natureza morta, da materia bruta. Outro proclama a sua these: se todo ser vivo origina-se de outro ser vivo, o inicio da vida é um ser constituído pela mesma plenitude da vida, cuja essencia é a vida, e que por isso mesmo não a póde ter recebido de outro para communicar-a.

Como conclusão temos a tyrannia deste dilemma: se a vida existe, teve inicio de um primeiro ser vivo ou não. Em outros termos: se a vida é um facto, teve um germen, uma causa inicial ou não.

Não ha meio termo; a disjunção é completa.

No grande scenario da vida estamos, em ultima analyse, deante destes dois caminhos: a *panspermia* (a vida teve um germen) e a *heterogenia* (a vida não teve germen). Vamos vêr que a razão e tambem a sciencia, clamorosamente, proclamam a panspermia, dizendo-nos a gritos que, se vida palpita dentro de nós e na natureza, que nos extasia, teve um começo ultimo e necessario.









PRIMEIRA PARTE

—◆◆◆—  
A vida objectivamente







## DEFINIÇÃO

Basta um olhar á natureza para observarmos um facto característico: o mineral move-se e tambem o vegetal, mas a differença é extrema. No primeiro, o movimento é do exterior para o interior, no segundo de dentro para fóra: no primeiro a causa é transeunte, passa; no segundo é immanente, permanece. O mineral, por exemplo, tem crescimento accidental, por justaposição; o vegetal tem-no essencial, substancial. O primeiro não tem vida, o segundo sim.

Desta simples observação podemos auferir a definição da vida.

*A vida é a propriedade pela qual o ser pode mover-se a si mesmo. A vida é o movimento immanente, isto é; o movimento cujo principio e termo residem no mesmo ser.*

Esta definição — a vida é movimento immanente — embora concisa é completa e não lhe póde exigir maior perfeição a logica mais rigorosa: é applicavel á vida em todas as suas manifestações.

Muitas outras definições se deram como as de Schelling, Bichat, Cuvier, Reicherand, Spencer e Lewes. Tomemos apenas, por brevidade, as de Bichat e Lewes.

O primeiro assim definiu a vida — *o conjuncto das funcções que resistem a morte.*

E' evidente o circulo vicioso da definição. Não passa de explicar a vida pela mesma vida, como se dissessemos — vida é o conjuncto das funcções que resistem á cessação da vida, pois sabemos que morte é a cessação da vida.

Lewes deu esta definição — *a vida é o nexo das actividades organicas.*

A definição é incompleta; primeiramente porque a actividade organica, longe de ser a vida suppõe-na; em segun-



do lugar, porque, se tão somente a actividade organica fosse a vida, não o seria a vida intellectual, privilegio do homem

Voltemos porém á primeira definição — a vida é o movimento immanente ou propriedade pela qual o ser é capaz de mover-se a si mesmo.

Trata-se aqui de uma propriedade essencial, que distingue o ser vivo do não vivo; de modo que o ser vivo não é um simples aggregado, mas uma substancia unica, que recebe da vida caracteres permanentes, essenciaes, completamente extranhos ao ser não vivo, como: operação immanentes, estructura organica, figura irregular, composição chimica quaternaria, origem de outro ser vivo, modo de existencia por nutrição, duração limitada.

Estes caracteres são tão profundos que especificam, do modo mais completo, o ser dotado de vida e o ergnem a uma altura tal que jamais a alcançará o ser não vivo.

### GRAUS DA VIDA

A vida é unica na sua especie. Não ha duas ou tres especies de vida, como talvez pareça á primeira impressão, assim, como por exemplo, não ha duas especies de calor. O que ha no calor são graus diversos e do mesmo modo na vida. A vida vegetativa, sensitiva e intellectual são uma na especie e tres na manifestação, no grau de perfeição. Ha pois tres graus de vida e vejamos como explical-os.

A vida, por definição, é o movimento immanente; a maior ou menor immanencia desse movimento determina os diversos graus da vida. Analyseemos.

Em todo o movimento ha tres elementos essenciaes: a execução, o modo da execução, e o fim do movimento

Sirvamos-nos do movimento puramente mechanico do



motor de um automóvel. A execução é dada pela simples explosão da gasolina; o modo da execução é feito mediante eixos e volantes, etc.; o fim do movimento é impulsionar o veículo para kilometrophagando, devorar as distancias. Semelhante a este movimento mechanico é o vital.

A vida vegetativa manifesta-se pela simples execução do movimento immanente — o vegetal cresce — é o primeiro grau da vida.

A vida sensitiva vemol-a na execução e no modo da execução do movimento immanente — o irracional cresce e sente — é o segundo grau da vida.

A vida Intellectiva executa o movimento, da-lhe fórma e o faz por um fim — o homem cresce, sente e entende — é o terceiro grau da vida.

E estes tres graus da vida, que a natureza nos apresenta, estão compendiados admiravelmente no homem, que por isso mesmo é um pequeno mundo, mysterioso e surpreendente a revelar-nos a acção prodigiosa de um Creador.

Temos em nós a vida vegetativa pelo crescimento physico total até ao seu completo desenvolvimento, e depois pelo crescer das unhas e cabellos. Isto foge-nos em absoluto ao dominio da vontade e da consciencia — o homem é um vegetal, cresce.

A vida sensitiva está em toda a sensibilidade physica.

Por ella provamos a dôr e o prazer puramente physico, local, tendo por echo a voz do instincto, cego, irresistivel, fatal. E' a fome, o frio, que nos atormentam; é o musica que nos deleita; é a sensação geral.

Este é o estado que nos caracteriza, de modo especial. antes do uso da rasão; não ha vontade nem consciencia, — o homem é animal irracional, cresce e sente. E' o dominio da physiologia.



*o homem;*  
 A vida intellectiva, que se manifesta por tres mysterio-  
 sas faculdades: a intelligencia, a vontade, e a sensibilidade  
 psychologica. Este grau de vida, na ordem natural, é exclu-  
 sivo do/somente o homem tem intelligencia, que o eleva  
 ao nivel do Creador, vida intellectual pura e infinita.

### PRINCIPIO DA VIDA

Mas não nos basta saber o que é a vida em si mes-  
 ma, devemos tambem procurar seu principio.

Por principio da vida entendemos a força donde ella  
 emana, como um effeito de sua causa. Disto já podemos  
 concluir que o principio da vida — essa força — não cae de-  
 baixo da experiencia sensivel, dos sentidos, que não a po-  
 vem perceber; pertence ao campo racional, é a intelligencia  
 que a vê. Por outro lado é intuitivo que todo ser vivo, por  
 este simples facto, deve ter um principio vital.

Antes porém de inquirirmos qual esse principio, é de  
 maxima importancia no assumpto firmamos, bem nitidamen-  
 te, a distincção essencial, que ha entre o principio da vida e  
 a materia, tanto inorganica como organica; entre o principio  
 da vida e as forças physico - chemicas.

### O PRINCIPIO DA VIDA E A MATERIA INORGANICA

O principio da vida é independente da materia inorga-  
 nica. Si tal não fosse toda a materia inorganica, pelo só fa-  
 cto de o ser, teria vida, o que não acontece.

O principio da vida è independente da materia organi-  
 ca. A materia organisada suppõe a vida, que lhe dá organi-  
 sação, do contrario devemos admittir uma auto - organisação,  
 que a razão e a sciencia repudiam. Por outras palavras, a  
 organisação da materia é um effeito, cuja causa deve ser o  
 principio vital. Vejamos.



Desde seu inicio, o ser vivo apresenta uma actividade immanente, sempre igual. Se essa actividade dependesse da materia teriamos um effeito superior á sua causa, porquanto a materia, no ser vivo, desde o germen, manifesta uma mudança constante. Depois das experiencias de Flourens, é quasi axioma em physiologia que o corpo vivo se renova, no só espaço de trinta dias, ficando já para segunda linha a renovação septenaria. (Moleschott - La circulation de la vie). Se, pois, a materia está nessa transmutação continua, é mudança, e deve haver algo immutavel, immanente, que presida e assista a todo esse movimento.

Alem disso, explicar o principto da vida pela materia é uma affirmação gratuita e temeraria; para tal seria preciso que a sciencia conhecesse integralmente a mesma materia, cousa muito difficil. Ainda hoje a sciencia está por dizer-nos o que é a substancia material, sua divisibilidade, continuidade e ponderabilidade. São mysterios que mais se complicam como o avançar scientifico. Assim, por exemplo, a electricidade veio modificar á concepção atomica da materia. A sciencia não sabe dizer-nos o limite da divisibilidade material.

O espectroscopio revela o sal de cosinha no ar, ainda em quantidade phantasticamente diminuta. Tomemos um milligramma de chlorureto de sodio, tiremos uma fracção desse milligramma, dividamo-la em tres milhões de partes, e o espectroscopio revelará uma dessas partes, pela risca amarella, symptoma do chourureto de sodio. Mais ainda: o electrosopio de Curie nota a presença de um billionesimo de milligramma de radio. (Moreux — O que ha de ser de nós depois da morte).

Perante isso ficamos, aterrados e o sabio cruza os braços em profunda meditação. Concluamos que a materia, com suas forças mechanicas, é impotente para resolver-nos o problema biologico.



## O PRINCIPIO DA VIDA E AS FORÇAS PHYSICO-CHIMICAS

Demos mais um passo.

O principio da vida é tambem independente das forças physico-chimicas da materia. Para nos persuadirmos desta verdade basta-nos um simples observação; jamais a physico-chimica conseguiu fabricar uma cellula, uma fibra muscular, um nervo. São sobejamente conhecidas as syntheses organicas de Berthelot; mas, entre esses productos artificiaes e os vites, naturaes, ha anomalias profundas; nos primeiros está a morte, nos segundos a vida.

Os recentes trabalhos e experiencias de Pavlov constituem a mais positiva demonstração de que a physico-chimica é impotente para explicar o phenomeno da vida. Tomou Pavlov para objecto de seus estudos a funcção digestiva e mostrou, experimentalmente, que a simples physico-chimica não pôde desvendar seu mysterio; pateia-se uma acção tambem psychica, vital. Pavlov fez suas experiencias no estomago de cães, mas é de suppor quo o nosso não trabalhará de modo diverso. Cortou o esophago de um cão, de maneira que o alimento não ia ao estomago. Apesar disto, a bocca do animal experimentava a sensação do alimento; esta sensação se desenvolvia e repercutia no estomago que trabalhava como se tivesse recebido o bolo alimenticio. Mesmo que se mostrasse de longe o bocado, a sensação, entrando pelos olhos era sufficiente para fazer que o estomago segregasse o mesmo succo gastrico, como se o animal estivesse mastigando. Si, pelo contrario, se introduzia o alimento no estomago, por meio de um tubo sem que o animal percebesse, então, devido a pouca sensibilidade e advertencia do estomago, a sensação era fraca e o trabalho digestivo de pouca importancia, apesar da presença do alimento.



O cão digería sómente seis grammas em hora e meia. Se durante a experiencia se reforçava a sensação, mostrando-se ao animal a comida, no mesmo instante digería trinta grammas, em vez de seis. (J. P. Pavlov *Le travail des glandes digestives*, pag. 69).

Dizer por fim que a physico-chimica ainda não conseguiu formar um composto organico vivo, porque não conhecemos todas as forças da materia, é puerilidade extrema, é dar a mão á palmatoria, porque é conceder que a natureza tem forças que jamais a sciencia alcançará; assim a força vital.

Em nome pois da razão e da mesma sciencia experimental, é-nos foçoso admittir que materia, com sua actividade mechanica, que forças physico-chimicas são uma cousa e que o principio da vida é outra muito distincta. Assim pensam eminentes naturalistas, oráculos da sciencia, como Berzelius, Jussieu, Liebig, Burmeister, Flourens. Liebig diz o que nos pôde servir de magnifico opitome: — « A causa dos phenomenos vitaes não é a força chimica, nem a electricidade, nem o magnetismo; mas é uma força de especie inteiramente diversa e que apresenta caracteres superiores a todas as demais forças »... « Um conhecimento insufficiente das forças organicas, eis a unica razão que leva varios (naturalistas) a negar a existencia de uma energia particular, que actúa nos seres organisados, e attribuir a formação dos corpos vivos á eficiencia de forças inorganicas, que são oppostas á natureza dos organismos e obedecem a leis contrarias ». (Gazeta geral de Augsburgo, 1856 n. 24). Concluamos com as palavras de Flourens: — « Não é porque as forças physico-chimicas são activas que o corpo vive; antes, si ellas são activas, é por que o corpo vive ». (De la vie et de l' intelligence — tomo 1,º pag. 156)



## EM QUE CONSISTE O PRINCIPIO DA VIDA

O principio da vida, pois, existe distincto e independente das forças mechanicas da materia inorganica e das forças physico - chimicas da materia organica. Para mais clareza, vejamol-o através de seus caracteres.

Antes de tudo, é elle unico em cada ser vivo: no vegetal, no irracional, no homem. E' unico pelo simples facto de ser um principio substancial e sabemos que a substancia é unica em cada ser. E' simples e por isso mesmo não é materia, que é essencialmente composta.

E' força expontanea por si mesma; si tal não fosse não a poderia communicar á materia.

E' finalmente causa da especie, da unidade e de toda a actividade do ser.

Com esses caracteres formamos a idéa clara do principio da vida. A philosophia, para indicar tal idéa, serve-se do termo alma (do grego ánemos - vento, ar), termo puramente convencional, como todos elles, que uma vez admittido, no conceito philosophico, significa uma substancia immaterial, causa da actividade vital do ser.

O principio da vida diz-se alma; alma que, no vegetal e no irracional, perece com a materia e no homem, por ser, além de immaterial, espiritual, é capaz de sobreviver á mesma materia, que a envolve. Esta sobrevivencia é proclamada a gritos pela razão, vendo o homem devorado pela sêde eterna da vida.

Deixai-me terminar esta parte com as magnificas palavras de Claudio Bernard:

« O corpo humano é um composto de materias, que se renovam incessantemente. Todas as partes do corpo estão sujeitas a um perpetuo movimento de transformação.



Cada dia perdeis alguma coisa de vosso ser physico, e pela alimentação substituis o que perdeis. De modo que, num espaço de oito annos, pouco mais ou menos, a vossa carne e os vossos ossos são substituidos por nova carne e por novos ossos, em consequencia de transformações successivas. A mão, com que escreveis hoje, não é inteiramente composta das mesmas moleculas que ha oito annos. A forma é a mesma, mas é uma nova substancia que a completa. O que digo da mão, dil-o-hei do cerebro. A abobada craneana não é occupada pela mesma materia que ha oito annos. Sendo assim, visto que tudo se muda no vosso cerebro, em oito annos, como é que vos lembraes de coisas que foram vistas ou ouvidas ha mais de oito annos? Se as coisas são, como pretendem certos physiologistas, alojadas, incrustadas nos lobos do vosso cerebro, como é que sobrevivem á desappareição dos lóbos? Esses lobos não são os mesmos que ha oito annos, e todavia a memoria guardou intacto o seu deposito. E' que no homem ha outra coisa que não é materia, e que é alguma coisa immaterial, permanente e independente da materia: esta coisa é a ALMA ».











SEGUNDA PARTE

—•••••—  
ORIGEM DA VIDA







## PREFACIO

Estabelecido o que a vida é em si mesma a qual o seu principio, devemos investigar como se originou.

Como prefacio, temos, n'este particular, duas conclusões certas da sciencia: 1.º A vida começou na terra; 2.º Todo ser vivo vem de outro ser vivo.

A primeira conclusão nos diz que houve em nosso globo um periodo *azoico* (sem vida); periodo em que era até impossivel qualquer manifestação da vida. Na segunda, temos o postulado de Harvey — *omne vivens ex ovo* — todo ser vivo vem de um germen.

Se pois a vida começou, se isto é um facto historico e scientifico, indiscutivel, é expontaneo queremos saber como se iniciou ella ou qual sua origem. Neste assumpto levanta-se novamente a intolerancia do dilemma: *A vida originou-se da evolução da materia ou não.*

A disjunção é completa, não é possivel um meio termo, a não ser que queiramos ir á puerilidade de Thompson, admittindo uma terceira hypothese e dizendo que um aerolitho trouxe á terra alguns germens da vida. E' o caso de exclarmos: *risum teneatis, amici.* Para vermos a gratuidade dessa hypothese, basta-nos saber o que é um aerolitho e a elevadissima temperatura que adquire, ao approximar-se do nosso planeta, condição em que é impossivel qualquer germen de vida. X

Fica pois erguida a intolerancia do dilemma: — a vida originou-se da evolução da materia ou não; mas é anti-racional e anti-scientifico explicar a origem da vida pela evolução da materia, a vida, portanto, teve outra origem.

Admittir a vida originada da materia é erigir em systema scientifico o *monismo*, que admite uma unica substancia,

X *Conversa de padre*



dotada de força evolutiva espontânea e indefinida. Isto é insustentável perante a razão e a mesma ciência.

É do domínio da razão, e a experiência mais rigorosa o confirma, que todo efeito exige uma causa proporcionada. Assim no campo puramente fenomenal físico, verificamos a coexistência dos efeitos e das causas; a dilatação dos corpos é um efeito e pede uma causa proporcionada — o calor. Não podemos conceber dilatação sem calor, diz-nos a ciência e é anti-científico que o corpo se dilate por si mesmo.

Todo efeito, pois, requer uma causa. Se a vida se originasse da matéria teríamos um absurdo: um efeito maior que sua causa, isto é, a matéria dando o que não possui — a vida.

Para admittirmos que a matéria tem vida, como simples matéria, torna-se necessário applaudirmos a *heterogenia*, ou geração espontânea, e não há systema mais anti-científico do que este.

### A HETEROGENIA

A heterogenia é muito antiga. Apresentou-se com muita empáfia, mas, com o progredir do methodo experimental, foi cedendo terreno até á morte.

A principio queria explicar apenas a vida em alguns seres inferiores, como por exemplo nos arachnideos, que apparecem nos cantos de nossos aposentos; em certos vermes annelideos, que vemos na terra. Acossada porém ahi e vencida, refugiou-se a heterogenia nos seres microscopicos, mas, atraz mesmo dessa trincheira, foi derrotada, e definitivamente, por sabios da altura de Claudio Bernard, Quatrefages e sobretudo Pasteur.

É interessante uma rápida noticia historica da ingente



lucta travada entre Pouchet e Pasteur, perante a Academia de Sciencias da Paris, na metade do seculo passado, e que despertou a attenção de todo o mundo scientifico.

Pouchet, professor de zoologia em Ruão, apresentou em 1859 á Academia de Sciencias um memorial, em que se lia: « A materia organisavel, posta em condições physicas e chemicas convenientes, gosa da propriedade de se organizar expontaneamente e manifestar todos os phenomenos caracteristicos da vida; animaes e vegetaes, de uma pequenez extrema, podem nascer desta sorte sem provirem de nenhum ser vivo».

Segundo Pouchet bastavam os tres elementos, ar, agua e materia, mesmo purificados dos germens, para explicar os seres vivos chamados infusorios — é a geração expontanea.

Pasteur, professor da Faculdade de Sciencias de Paris, contestou estas affirmações, em nome da *panspermia*. Mostrou muitos cochilos nas experiencias de Pouchet e provou que se a vida apparece em qualquer infusão, é porque ha germens livres no ar. Assim por exemplo, Pasteur obtinha ou supprimia os infusorios, introduzido ou destruindo os germens recolhidos em algodão polvora ou amianto. A geração expontanea estava em vascas. A Academia de Sciencias bateu palmas a Pasteur. Pouchet não concordou com a decisão e, novamente, a Academia de Sciencias nomeou uma commissão composta de Flourens, Dumas, Brongniart, Milne Eduards e Balard, para verificar as experiencias de Pasteur, mas Pouchet, de antemão, recusou o veredictum dessa commissão. Comtudo cumpriu ella seu dever até á conclusão, em apoio de Pasteur e portanto da panspermia. O juizo dessa commissão foi o seguinte: — « Os factos observados por Pasteur e combatidos por Pouchet, Joly e Musset são da mais perfeita exactidão ». (Re-



latorio da Academia de Sciencias de Paris, 25/2/1865).

Não é, pois, admissivel, scientificamente, a geração expontanea como origem da vida,

Mas esta questão pode ser ainda mais esmiuçada. Poder-se-ia dizer que a heterogenia não é aceitavel quanto á origem da vida, nos seres de um organismo perfeito e complexo, mas devemos admittil-a na fonte vital de certos elementos primitivos, base de todos os organismos vivos; é como se dissemos: o edificio não surgiu por geração expontanea, mas sim os tijolos, a argamassa, etc.

Estamos deante das celeberrimas *monéras*. As monéras são uma das mais pitorescas e gratuitas invenções do do seculo passado, brotadas do cerebro fraudulento de Haeckel. Parece incrivel affirmar o que affirmou esse escriptor allemão, e em nome da sciencia! Hoje, porem, suas palavras têm um sabor altamente desopilativo e quasi aperitivo. Vejamos, porem, sua descripção das monéras «As moneras são os mais simples organismos, que conhecemos e podemos conceber; corpusculos informes, de pequenissima dimensão, geralmente microscopicos. São formados de uma substancia homogenea, molle, albuminosa ou mucosa, desprovidas de estructura e de orgãos; são comtudo dotadas das principaes propriedades vitaes. As moneras (sem estructura) movem-se, nutrem-se, e reproduzem-se por divisão.

As monéras primitivas nasceram por geração expontanea no mar; derivaram, no principio do periodo laurenciano, dos compostos inorganicos, meras combinações de carbono, acido carbonico, hydrogenio e azoto. Encontrando-se no oceano primitivo este pequeno numero de materiaes, que bastam para a composição do mais complexo organismo, a vida devia manifestar-se desde o começo dessa epocha, sob a variada acção da afinidade chimica, da electricidade,



do calor solar, duma pressão enorme, e de mil outras causas desconhecidas. Nessas edades remotas, as influencias e os meios eram muito diversos do que são hoje». (Anthropogenie).

E dizer que tudo isso possou como alta sciencia, escravizando intelligencias, que preferiam as traquinices de um pseudo-sabio aos esplendores de uma fé documentada e illuminada pela verdadeira e eterna sciencia.

Venia para esta digressão, e destaquemos do trecho acima apenas as seguintes e originaes palavras — «nessas edades remotas as influencias e os meios eram muito diversos do que são hoje»; e serve-se dessa supposição o illustre sabio para concluir que, naquellas edades remotas, o carbono, o hydrogenio, o exigenio e o azoto, debaixo das influencias e meios diversos de hoje, deram-nos a origem da vida.

Deante disto onde vae parar a sciencia? Então não é a sciencia que nos diz que: «cellulas, que se formam no meio das aguas e fóra de um ser vivo, é uma hypothese que nunca foi provada; que é um axioma de botanicos e zoologos que as cellulas nascem todas do protoplasma de uma cellula preexistente?» (Cl. Bernard. Leçons sur les phenom. de la vie. Tomo I. pag. 293).

Mas a titulo sómente de deleite e para apalparmos a comicidade das affirmações acima, ouçamos a historia rapidissima das duas principaes monéras — o *Bathybius* e o *Eozoon canadense*.

Em 1868 Huxley encontrou uma massa gelatino - mucilaginoso, dotada de um certo movimento de libração, tirado das profundes do oceano. *A priori* affirmou ser o elemento primitivo da vida, baptisou-o com o nome de *Bathybius* (que vive nas profundes) e dedicou-o ao seu incomparavel amigo Haeckel, donde o nome de *Bathybius Haeckelii*.



A boa sciencia recebeu a descoberta com desconfiança, e para determinar a natureza desse curioso Bathybius procedeu a experiencias a bordo do navio inglez Challenger e do francez Travailleur. A resposta foi esta: « O Bathybius, quanto á origem não passa de um acervo de mucosidades, que as esponjas e alguns zoophitos deixam escapar, quando seus tecidos são roçados pelas redes de pesca; quanto á natureza é apenas um precipitado de phosphato de cal. O movimento de libração é commum aos precipitados flocosos e não é signal de vida » (Sessão do Instituto de 15 de Out. 1882).

Este veredictum foi de evidencia tão esmagadora que o mesmo Huxley no Congresso da Associação Britanica, celebrado em Sheffield, em 1889, contou, entre risos, a historia da mais importante das monéras, reconhecendo o seu erro.

A historia do *Eozoon-canadense* (aurora dos animaes, animal aurora do Canadá) é semelhante. Os grandes naturalistas King e Rowley demonstraram que o tal Eozoon não vae alem de um composto mineral.

Do que fica dito, devemos concluir que a heterogeneia (geração expontanea) não póde explicar a origem da vida: é um absurdo, não só racional, como tambem scientifico.

Em abono desta conclusão poderiamos citar o testemunho de sabios, que são pontifices no assumpto como Claudio Bernard, Fechner, Lange, Vacherot, Wirchow e Darwin.

Por brevidade, ouçamos somente os de Claudio Bernard e do insuspeito Lange, por suas tendencias abertamente materialistas.

« A geração expontanea é uma opinião inadmissivel em theoria e inexacta no facto. Pelo que sabemos, em relação aos phenomenos da evolução vital dos animaes e nas plantas, deve dizer-se que o germen que se desenvolveu é dotado



de um especial impulso ou direcção originaria, cujas consequencias se manifestam em seguida. O germen possui uma aptidão, que lhe foi impressa pelo organismo de que fez parte ». (Cl. Bernard — Phénom de la vie. T. I.º pag. 333).

« Até aqui a geração espontanea não foi demonstrada, embora se tenha trabalhado tanto para isso » (Lange — Histoire du materialisme. T. 2.º pag. 255).

Uma vez que a materia não pôde explicar a origem da vida, resta-nos a segunda disjunctiva do nosso primitivo dilemma: a origem da vida é uma causa superior á materia. E de facto, se a vida é um effeito veio de uma causa primeira, necessaria, ou de uma causa segunda, contingente; se de uma causa primeira necessaria, muito bem, chegamos a um termo, onde a razão pôde repousar; se de uma causa segunda, contingente, esta exige outra e assim successivamente até chegarmos á primeira, e novamente estaremos em nosso termo desejando. — Se a vida existe, emanou de um ser que a possui essencialmente, um ser que é a mesma vida — O Creador.

### CONCLUSÃO

A vida! Sentimol-a dentro de nós. Vemol-a palpitar exuberante ao nosso redor, em contraste elevadissimo com toda a natureza morta.

Mas, no meio do grande turbilhão da vida, só o homem, na ordem natural, sabe que vive, comprehende sua vida, ama-a como ao bem maximo, e não se pôde contormentar com o só pensamento de que lhe ha de ser um dia arrancada.

Vemos que tudo ao nosso lado cae em destorços, passa, e isso horrorisa-nos.

Então havemos de passar tambem, para sempre, no



immenso galopar da morte? Não; a vida para nós não pôde acabar! Se tal fosse, porque esse terror innato pelo tumulo, que nos espanta? Porque a necessidade perenne de ser, que quasi apalpamos como o substractum de nossa propria natureza? Porque a sêde cruciante de immortalidade? Se não tivéssemos resposta para todas estas interrogações, seriamos os mais desgraçados dos viventes. Não, não pode ser assim!

E' verdade, desaparecemos, mas, no solemne desfilar da morte, ainda um final contraste. Todos os seres passam, levando o nada em seus estandartes; somente o homem vai de frente erguida para o infinito, agitando o labaro da immortalidade, com o eterno epinicio de vida.





**Do mesmo auctor:**

**A LIBERDADE E O CRIME**

(RESUMO)

1

O homem é, na ordem natural, o unico ser dotado de livre arbitrio, que é a mesma vontade, enquanto, por si mesma quer isto ou aquillo, independente de qualquer coacção, externa ou interna. Regeita-se o determinismo cosmologico e especialmente o psychologico.

2

Si o homem é livre, segue-se a imputabilidade moral, de seus actos, pela qual é elle dono absoluto e como creador de suas accções, donde nasce o merito e o demerito.

3

O homem, em estado normal, é sempre recompensavel pelos seus actos. Ha, comtudo, agentes, que podem diminuir ou eliminar a responsabilidade, segundo diminuirem ou eliminarem a liberdade. Esses agentes são physiologicos e pathologicos. Physiologicos : o temperamento, a hereditariedade ; pathologicos : a paixão violenta, o alcoolismo, o somnambulismo, o hysticismo, a loucura, etc. O estudo, o exame, analyse dirão até onde pôde ir a influencia desses agentes na liberdade humana.

4

E' um erro experimental e philosophico admittir a *enfermidade crime*, homens tarados para a deliquencia, no dizer de Gall, Lombroso, Ferri, etc. porque é o mesmo que sustentar haver homens sem liberdade.

Ao grito de *fechem-se as prisões, abram-se hospitaes*, respondemos, com pulmões cheios, *abram-se escolas e fechem-se as prisões*.



## ORIGEM DA SOCIEDADE CIVIL

(RESUMO)

### 1

A sociedade civil pode ser considerada em abstracto e concreto. Em abstracto é a mesma sociabilidade, isto é, o instincto natural, que leva o homem a buscar a companhia de seus semelhantes. E' como a sociedade em potencia.

Em concreto é a mesma sociabilidade actuada, constituindo, por meio dos individuos, diversas multidões, que vivem em communidade, como a sociedade brasileira, etc.

### 2

*A sociedade em abstracto é de origem divino-natural.* Demonstra-se com os seguintes argumentos: a) O *instincto de sociabilidade*, pelo qual o homem tende á vida social e a communicar suas idéas a seus semelhantes, b) *Insufficiencia do homem para a vida material, intellectual e moral.* c) *A linguagem*, que seria inutil, se o homem naturalmente não tendesse a viver em sociedade. d) *Prova historica.* Sempre e em toda a parte o homem viveu e vive em sociedade; este facto tão geral e constante, somente pôde ter sua causa efficiente na mesma natureza.

### 3

*A sociedade em concreto, isto é o vinculo social, é de origem humana.* Todas as sociedades tiveram sua origem natural na familia; mas o vinculo social das multidões de familias é de origem divino-natural ou humano?

A sociedade em concreto é de origem humana, se sua causa efficiente fôr de origem humana e não divino-natural.

*Não é de origem divino-natural.*

a) Si tal fôra, as Sociedades, os Estados deveriam constituir-se sob a mesma fôrma, como succede na familia. b) Deveria constar na revelação qual a fôrma que Deus teria determinado para o vinculo social, mas esta revelação não existe.

Se o vinculo social não é de origem divino-natural, *será de origem humana.*

E' de origem humana. Mas qual sua causa efficiente proxima? Esta causa é o consentimento mutuo, pelo menos tacito, dos associados, determinados por certos factos concretos, que dão occasião natural a esse consentimento. Os factos determinantes são: a multiplicação das familias, sua cohabitação, relações commerciaes mutuas, dependencia mutua etc.; factos todos, que se podem synthetisar em um só — a evolução natural da familia.

### 4

Regeita-se, portanto, o *contracto social* de Rouseau e o *evolucionismo* da Spencer, como causas efficientes da sociedade civil.



## CORRIGENDA

<i>Pagina</i>	<i>Linha</i>		
4	14	phylosophia	<i>Leia-se</i> philosophia
9	21	definie	» definiu
9	22	a	» á
12	3	pyschologica	» psychologica
12	4	do somente	do homem ; somente
12	12	povem	» podem
13	26	chourureto	» chlorureto
14	16	pateia-se	» patenteia-se
15	12	faoçoso	» forçoso
15	30	por que	» porque
27	3	impresso	» impressa
27	17	desejando	» desejado









## AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: [ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM](mailto:ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM)



Secretaria de  
**Estado de Cultura**



CENTRO CULTURAL DOS  
POVOS DA AMAZÔNIA